

Especial 22 páginas

A nova **CLASSE MÉDIA**
chegou e agora quer mais



Vietnã
Meio século
depois, a guerra
ainda assombra
as consciências



Editora ABRIL
edição 2247 - ano 44 - nº 50
14 de dezembro de 2011

veja

www.veja.com

A TRAMA DOS FALSÁRIOS



“Vou acabar com eles tudinho. Agora, é o seguinte: você tem que me dar proteção, porque eu estou precisando. Não interessa só isso, não. Eu quero aquele negócio que foi escrito no papel.”

O estelionatário Nilton Monteiro, hoje preso, cobrando pagamento e proteção dos deputados petistas que o contrataram para forjar provas contra políticos da oposição



Semeador de enigmas

De Chirico, pintor que expôs a alienação do homem moderno em suas telas, é tema de mostra inédita no país

MARCELO MARTHE

Nos anos 60 e 70, era intenso o vaivém de colecionadores no ateliê de Giorgio De Chirico (1888-1978). O pintor escutava sempre o mesmo pedido: "Ah, eu também quero uma *piazza*" (praça, em italiano). Soltava algum comentário cástico — mas não titubeava em aceitar as encomendas. As praças eram um elemento recorrente da pintura metafísica, estilo inventado por esse pioneiro do modernismo que nasceu na Grécia, passou momentos da carreira em Paris — onde o poeta Apollinaire, seu contemporâneo, primeiro utilizou o termo para definir seus quadros — e adotou a Itália como pátria de fato. Entre 1909 e 1918, De Chirico pintou todas as obras que fizeram sua fama: imagens fantásticas nas quais estátuas e arcadas que fazem lembrar a Antiguidade greco-romana se justapõem a castelos renascentistas e, ainda, a símbolos industriais como locomotivas. Dos anos 20 em diante, contudo, ele resolveu atacar em outras praças. O mergulho no neoclassicismo levaria o escritor André Breton, ponta de lança do surrealismo, tendência sobre a qual De Chirico exerceu influência decisiva, a proclamar a morte do pintor. No fim da vida, desiludido com o meio artístico, De Chirico voltaria

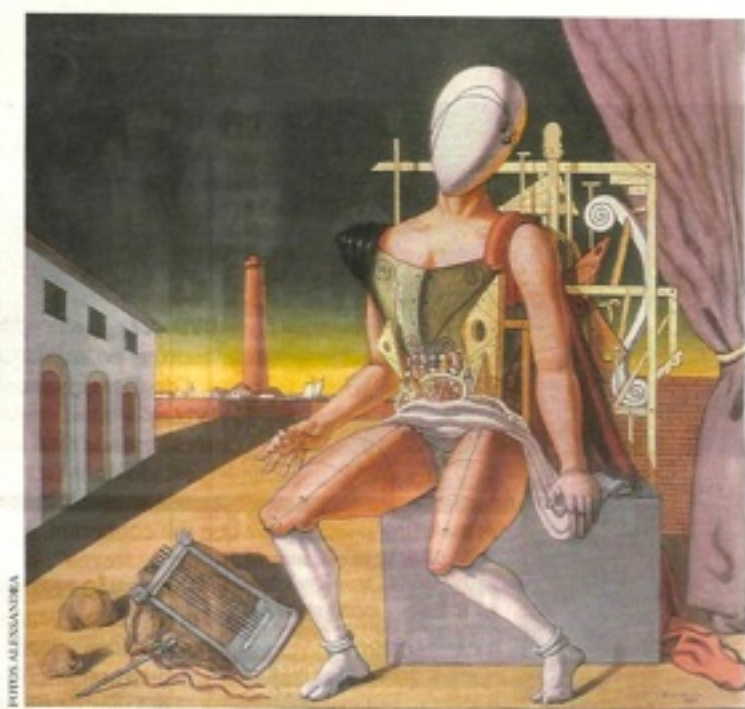
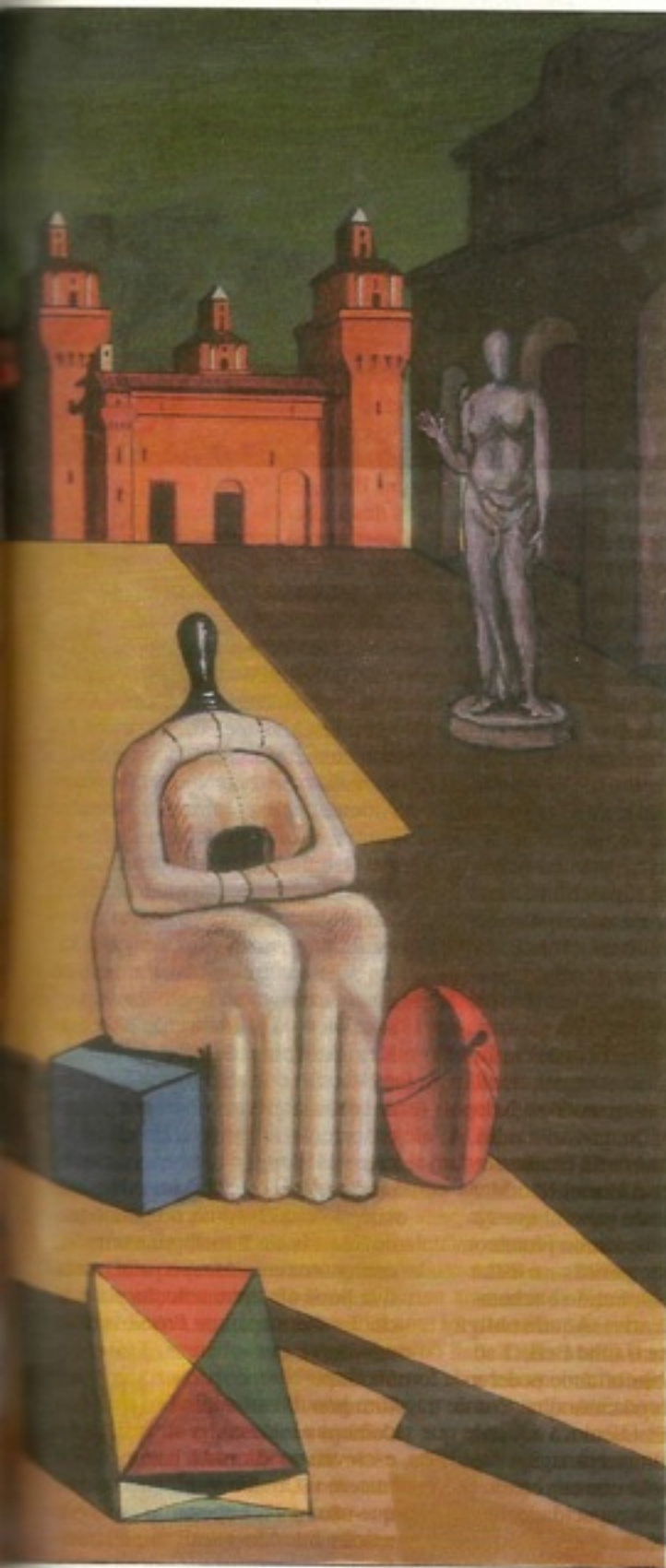
à pintura metafísica imbuído de certo espírito maroto: criava variações de suas telas célebres, e as datava como se fossem do período áureo. Mas seria errôneo julgar que eram apenas diluições de seu trabalho. Como atestam as 45 pinturas tardias que são o maior atrativo da exposição *De Chirico: o Sentimento da Arquitetura*, em cartaz na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, a ausência do impacto avassalador que o artista atingira outrora é compensada pelo retorno maduro aos temas que lhe eram caros. Parte da programação do Momento Itália-Brasil, a mostra passará por Belo Horizonte e São Paulo em 2012.

De Chirico não comungava da atração dos surrealistas pelo universo dos sonhos e da psicanálise. Interessava-lhe investigar a memória num arco mais amplo. "Ele constrói circuitos entre presente, passado e futuro", diz a curadora Maddalena d'Alfonso. Daí o lugar da arquitetura em sua obra: edificações de diferentes períodos da história se conjugam de maneira insólita. A pintura de De Chirico também ilustra a melancolia. A pose reflexiva das estátuas e figuras humanas fala do sentimento de aliena-

MÃO NADA BOBA

Triângulo Metafísico, de 1958: para o artista, a forma geométrica tem apelo místico, enquanto a luva simboliza a medicina





FOTOS: ALESSANDRIA

CLÁSSICO MODERNO

Orfeu Trovador Cansado, de 1970: elementos da Antiguidade, do Renascimento e do mundo atual conjugados de forma insólita

ção do homem moderno. Em *As Musas Inquietantes* — datada de 1924, mas pintada na verdade cinquenta anos depois —, o artista refaz uma de suas obras máximas, em que manequins sem rosto traduzem tal sensação. De Chirico espalhou outros símbolos cifrados em *Triângulo Metafísico*, de 1958. A forma geométrica tem sentido místico. E a luva misteriosa que flutua no espaço é uma alusão à medicina. O artista era doído, enfim, por um bom enigma.

Permanecem um enigma, aliás, as razões que o levaram a abandonar, de forma abrupta, a trilha metafísica. Naquela altura da carreira, já famoso, De Chirico flertou com o fascismo. Ao contrário dos futuristas, não se engajou com fervor na defesa de Benito Mussolini. Mas sua obra tinha a simpatia do regime, por seu aspecto monumental e pelas referências clássicas — uma fixação da arte “oficial” dos regimes autoritários. Depois da II Guerra, De Chirico entraria numa outra batalha: a luta contra as falsificações de suas obras. Talvez nenhum outro artista tenha sido tão copiado — inclusive por si próprio, já que sempre haveria gente disposta a pagar bem por seus quadros. Como ele mesmo diz em uma inscrição em latim num autorretrato: “A fama eterna é-me concedida para que eu seja glorificado sempre e em toda parte”. ■

ANGUSTIADO E MAROTO

As Musas Inquietantes: a autocópia de uma tela célebre é datada de 1924 — mas o artista a fez, na verdade, cinquenta anos depois